

POLÍTICA

GOVERNO

Carvalho contesta posição de Malan e prega crescimento já

Dida Sampaio/AE

Dida Sampaio/AE

Lado a lado com titular da Fazenda, ele diz que retomada econômica "não será o apocalipse"

RIBAMAR OLIVEIRA

BRASÍLIA – O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Clóvis Carvalho, fez ontem uma defesa apaixonada de uma rápida retomada do crescimento econômico. Com o ministro da Fazenda, Pedro Malan, a seu lado, no seminário "Desenvolvimento com Estabilidade", promovido pelo PSDB, Carvalho argumentou que "apressar o passo na retomada do crescimento não trará o apocalipse". E acrescentou: "O excesso de cautela, a esta altura, será outro nome para covardia."

Em defesa de sua tese, ele fez um paralelo com as previsões dos economistas sobre os efeitos negativos da desvalorização do real, em janeiro. Lembrou que a inflação não voltou, "a recessão não se instalou no País e o desemprego não explodiu, como previram quase todos".

Carvalho disse que nos últimos meses o País verificou que sem crescimento terá instabilidade política. "E essa instabilidade política terminará por contaminar a própria estabilidade econômica." Por isso, ele acredita que o governo "precisa ousar mais, arriscar mais, arriscar até o limite da responsabilidade".

Para o ministro, o ajuste econômico não pode ser entendido como camisa-de-força para iniciativas voltadas ao desenvolvimento. "Da mesma forma que responsabilidade não deve ser sinônimo de timidez nem de conformismo com resultados medíocres de crescimento", afirmou. "Desenvolvimento tem de se traduzir em renda e emprego; e para a população estabilidade tem de significar emprego, esperança e futuro", disse. "Ou não criará raízes nem será defendida pela sociedade como um bem do qual não pode abrir mão."

Desenvolvimento tem de se traduzir em renda e emprego; e para a população estabilidade tem de significar emprego, esperança e futuro", disse. "Ou não criará raízes nem será defendida pela sociedade como um bem do qual não pode abrir mão."

Duas faces – Pela primeira vez, uma autoridade do primeiro escalão admitiu abertamente que no governo convivem "duas correntes". A "porção liberal", segundo Carvalho, concentra-se em dar prioridade ao equilíbrio das contas públicas e ao controle estrito da moeda. A outra, desenvolvimentista, acredita que a preservação, a modernização e a ampliação das atividades produtivas e de serviços exigem também a indução do Estado.

"É bem verdade que, em alguns momentos, as duas faces se opõem", disse ele. "Geram disputas internas e tensões", revelou para uma platéia constituída por vereadores, deputados estaduais e federais, senadores e militantes do PSDB. "Mas



Carvalho: contra o ajuste "camisa-de-força"



Malan: "Não somos mercadores de ilusões"

bem administradas – e elas têm sido – as disputas e tensões são saudáveis e criativas", disse. "Quem, afinal, gosta de pensamento único?", continuou. "Este governo certamente não." Ele explicou que o governo tem buscado, "às vezes com sucesso e às vezes nem tanto", um equilíbrio entre os dois lados. Para ele, "não é necessário nem recomendável que o presidente Fernando Henrique Cardoso seja obrigado a arbitrar que um lado venceu e outro perdeu".

Essa "estratégia de duas faces" resulta, segundo Carvalho, da adaptação do projeto liberal, herdado do período Collor pelo governo, "às pressões e demandas da sociedade organizada, da própria base política do governo e da proposta

social-democrata". Ele disse que o desenvolvimentismo continua industrializante, mas exclui a participação empresarial do Estado no sistema produtivo. "Seus partidários não são mais nacional-desenvolvimentistas".

No discurso escrito, que distribuiu depois, não consta a referência à social-democracia. Também quando se referiu ao "excesso de cautela", Carvalho disse que isso "poderá ser" outro nome para covardia. No texto distribuído, no lugar de "poderá ser" está a palavra "será".

Malan já havia falado de improviso, antes de Carvalho. Repetiu tudo o que tem dito nos últimos dias, em encontros com políticos. Chamou de "falso dilema" a oposição entre monetaristas e desenvolvimentistas, disse que um cenário de crescimento de 4% ao ano está ao alcance do País e repetiu que não fará uma bolha de crescimento. "Não somos mercadores de ilusões."

O discurso de Carvalho reacende uma briga antiga no governo, entre setores que defen-

dem uma guinada na condução da economia – cujos principais expoentes são o ministro José Serra (Saúde) e o ex-ministro Luiz Carlos Mendonça de Barros – e os que não abrem mão da manutenção da estabilidade calcada no ajuste das contas públicas, liderados por Malan.

Ao deixar o seminário, o ministro da Fazenda preferiu não comentar o discurso do colega. O próprio Carvalho procurou tirar de suas palavras qualquer crítica direta. "Eu e Malan estamos absolutamente sintonizados", disse, negando que se tenha referido ao ministro da Fazenda ao falar em covardia. "De jeito nenhum; retratei um estado de espírito do governo, um desafio imposto pelo presidente, de que é preciso ousar."

Desavenças – O principal conflito entre Carvalho e Malan é em torno do Programa de Financiamento às Exportações (Proex). Carvalho quer mais dinheiro para o Proex. Malan resiste por causa do ajuste fiscal. Os dois tiveram recentemente um diálogo ríspido sobre isso. Em reunião com Malan, Carvalho disse que proporia à Câmara de Comércio Exterior elevar as dotações orçamentárias do Proex. O ministro da Fazenda disse que não conhecia essa proposta. "Então, sua equipe é incompetente, porque foi tudo discutido com ela", rebateu Carvalho. Malan saiu da sala.

Carvalho também importunou Malan nos últimos dias, para que a Fazenda aceitasse tornar mais flexíveis as regras para incluir e excluir empresas no Cadastro Informativo dos Créditos Não Quitados do Setor Público Federal (Cadin). Carvalho ganhou e a mudança foi feita.

Outro motivo de grande conflito entre os dois é a questão da Lei de Informática. Os incentivos fiscais previstos na lei vencem agora e existe uma grande articulação tucana no Congresso para renová-los, da qual Clóvis participa. Malan resiste.

**"CAUTELA
SERÁ O
NOME PARA
COVARDIA"**